

Uma luz se acendeu na minha noite!

«Aos 18 anos, apareceu nos meus olhos uma estranha doença, que aos poucos me levou à cegueira. Não conseguia mais vislumbrar alguma perspectiva de vida. Sentia-me perdido numa noite que jamais acabaria...»

Já fazia quatro anos que eu trabalhava na farmácia como balconista. Naquele dia um colega maior do que eu não deixou para menos alguma resposta áspera que lhe dei. Revidou-a com algumas bofetadas, cujas marcas meu pai não teve dificuldade de reconhecer, ao chegar em casa. Após uma dura repreensão, concluiu:

— Você não vai mais trabalhar na farmácia. Afinal de contas aqui em casa eu não bato em meus filhos e não gosto que ninguém toque em vocês!

Mas, com 18 anos, eu não podia ficar desempregado. E fui trabalhar numa fábrica de móveis.

A partir daí se manifestou uma estranha doença em meus olhos. Os médicos de Itápolis indicaram-me um especialista em Campinas. Ele identificou um processo de perda progressiva de visão, para o qual não existia, na época, nenhum remédio.

Os anos de minha juventude iam passando e as cores do mundo iam pouco a pouco se apagando para mim. Estava chegando à idade de trinta anos e não mais conseguia enxergar o suficiente para envernizar móveis. Com grande pesar, então, tive que abandonar aquele trabalho e aqueles companheiros com quem estreitara, durante longos anos, laços de grande amizade.

Deixei a fábrica de móveis para trabalhar em cobranças. Mas, a um certo ponto, não havia como realizar também este meu serviço: meus pés e minhas pernas



estavam sempre esfoladas de tanto tropeçar pelas ruas.

Não tendo mais condições de trabalhar, foi na casa paroquial que encontrei um modo de me ocupar. Na realidade, desde jovem eu gostava de participar nas atividades paroquiais, principalmente na Congregação Mariana. E, agora, eu passava o dia inteiro na casa paroquial e me arranjava com uma certa desenvoltura para atender ao telefone e à porta.

Todas as noites o padre me levava para casa, até que um dia ele me convidou:

— Armando, por que você não fica morando aqui numa vez. Desse modo me poupa o trabalho de levá-lo todo dia para sua casa.

O convite me agradou e aceitei.

NOS TRÊS ANOS que se seguiram, a cegueira que me atingira se demonstrou irreversível. A série de consultas, o longo tratamento e as duas operações aos olhos que vim fazer no Hospital das Clínicas em São Paulo resultaram inúteis. Enfim, meu médico me aconselhou:

— A única coisa que lhe resta fazer é procurar uma escola para cegos e fazer a reabilitação.

Minha irmã mais velha custou para aceitar este fato. Na época, eu estava hospedado em sua casa, em São Paulo. Deixando acumular seu trabalho de costuras, ela me acompanhava todas as vezes para as consultas e o tratamento no Hospital. Mas, aos poucos, ela e seu marido foram tomados por um certo desânimo e pela sensação de impotência frente a ineficácia de todos os esforços feitos.

De minha parte, era difícil aceitar a condição de imobilidade a que eu era constringido na cidade grande. Ao contrário da cidade do interior, onde eu conhecia todos os lugares e todos me conheciam, aqui eu não tinha facilidade para sair. Ficava, então, o dia inteiro em casa: do quintal para o quarto, do quarto para a cozinha... E ninguém podia se dirigir a mim, pois, de qualquer maneira, eu permanecia emburrado ou estourava com alguma frase áspera.

Não conseguia mais vislumbrar alguma perspectiva de vida. Sentia-me perdido em



uma noite que jamais acabaria. E a escuridão continua ao meu redor parecia transbordar também para meu futuro. Nesta situação de desespero, lembrei-me de um texto de meditação que uma jovem havia lido pra mim, quando ainda estava na casa paroquial em Itápolis. «Se tu sofres, e o teu sofrer é tal que te impede qualquer atividade, lembra-te da Missa. Na Missa, hoje como outrora, Jesus não trabalha, não prega: sacrifica-se por amor». É verdade — pensava eu — não consigo fazer nada, estou reduzido a um fardo inútil e pesado para os outros. Mas posso transformar este meu sofrimento em um meio para amar a Deus e aos outros.

Foi como se acendesse uma luz em minha noite e comecei a perceber que havia muita coisa que eu podia fazer na vida. E isto dependia de decisões que só eu podia tomar.

COMECEI O PROCESSO de reabilitação na Fundação para o Livro do Cego. Todo dia, minha irmã me punha no ônibus. Na praça Clóvis tomava outro ônibus até a Vila Mariana, onde um funcionário da Fundação me esperava.

Em poucos meses aprendi a me locomover sozinho. Primeiro treinei o uso da bengala em um longo corredor; depois, andando em torno do prédio e, em seguida, em torno do quarteirão; enfim, com prévia orientação dos professores, saí para pequenas compras ou passeios.

Em dois meses aprendi o código Braille. Fiquei trabalhando na Fundação até arrumar serviço numa indústria metalúrgica, onde continuei até hoje. Resolvi estudar: fiz admissão ao ginásio e, em quatro anos, terminei o 1.º grau.

A reabilitação foi, sem dúvida, um processo árduo. Mas o que me ajudou interiormente foi a descoberta de que Deus me ama e de que posso corresponder a Ele, servindo às pessoas com quem me encontro. Esta descoberta iluminou todos os pequenos fatos do meu dia-a-dia.

Por exemplo, estou constantemente dependendo dos outros para algumas coisas, como atravessar a rua, pegar o ônibus. E aceitar de bom grado a ajuda de quem necessito é também um modo de amar as pessoas, de deixá-las contentes. Aquele que me coloca no ônibus, a pessoa que me cede o lugar, o motorista, são pessoas a quem posso fazer um pequeno gesto de cortesia, criar um relacionamento mesmo que rápido, ou ao menos rezar por eles. É interessante que quando me dirijo, por exemplo, ao motorista com esta disposição interior, parece que ele responde contente, puxa conversa e me deixa na parada certa. O contrário acontece quando não lhe dedico a cortesia que ele merece.

Compreendi que «ninguém tem direito a sentir o amor, sem amar por primeiro» e que, quanto a gente ama, vive uma aventura em que vai descobrindo, em cada circunstância, o amor de Deus para com a gente. Em cada dia há um fato novo, como naquela manhã, quando eu saía às 5 horas para o trabalho. Chovia torrencialmente. Não havia como pegar o ônibus e eu já estava querendo voltar para casa. Alguém me perguntou de dentro de um carro:

— Para onde você vai?
— Para a Vila Mariana - respondi.
— Então, entre! Também nós vamos naquela direção.

Fui conversando com aqueles quatro

rapazes que me deram carona e cheguei até adiantado no serviço. A atenção dessas pessoas lembrou-me o infinito e particular amor que Deus tem para comigo.

Na fábrica, agora, sinto que não há maiores dificuldades para trabalhar. Sobretudo pelo clima de amizade que fui construindo durante dez anos de trabalho naquela indústria.

Uma das coisas que me constrangia e me dificultava o relacionamento com os colegas era o costume que tinham de contar piadas ou puxar conversas vulgares entre eles. Na realidade, eu acho que isso não constrói nada. Mas, eliminando em minha mente qualquer julgamento sobre esses colegas, ouvia-os, sem dar corda. Certamente eles perceberam minha opinião e procuram agora entabular comigo um relacionamento sincero. Vejo que isto faz bem para eles, porque não raro alguém me diz que é muito agradável estar em minha companhia.

Também no relacionamento com meus chefes tenho me tornado cada vez mais livre. Não procuro ter privilégios junto a eles, mas também não me comporto como um submisso. Ao contrário, acolho com boa vontade as suas ordens, para fazer a vontade de Deus e para servir aos outros. E me sinto livre. Ultimamente foi-me pedido para deixar a seção de embalagens e trabalhar em uma máquina. Aparentemente era uma mudança desvantajosa porque aquele serviço suja muito as mãos e minha produção seria pequena até me acostumar com a máquina. Lembrei-me, porém, da frase do Evangelho: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças».

Uma luz se acendeu na minha noite!

Percebi, então que aquela era uma oportunidade de amar a Deus com todas as forças, com todo o coração. E me senti contente e livre, ao acatar aquela ordem.

Livres também se sentem meus chefes que mantêm comigo um relacionamento aberto e de amizade. Tanto é que se sentem à vontade de trazer pessoas para conversar comigo.

— Oi, Armandão — diz um deles — eu trouxe um amigo para bater papo com você...

E creio que esta atenção não se deve tanto pelo fato de eu ser cego e desenvolver um bom trabalho, mas talvez porque me disponho a amar cada pessoa com quem me encontro.

É O ESFORÇO de viver o Evangelho, frase por frase, que me anima a amar as pessoas. E isto me realiza porque me faz sentir útil e integrado no ambiente em que vivo. Por isso, já faz alguns anos que mantenho contato com outros cegos e procuramos nos ajudar a viver o Evangelho. O meio que utilizamos para nos comunicar

é a correspondência em código braile. Além de cartas pessoais, que trocamos com frequência, envio-lhes — com a ajuda de alguns amigos e a colaboração da Fundação para o Livro do Cego — a transcrição em braile da “Palavra de Vida”, que é um excelente comentário de uma frase do Evangelho feito mensalmente por Chiara Lubich. Percebo que também para eles este é o estímulo para superarem muitos obstáculos e resolverem muitos problemas. Para eles — tal como tem sido para mim — o fato de não enxergar está se tornando, antes de tudo, uma ocasião para se desenvolver um modo mais profundo de se ver as pessoas e as coisas.

narrado a Reinaldo Fleuri